

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE NA DISCIPLINA DE FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA

Samuel Correa Duarte¹

RESUMO

O presente artigo consiste em relato de experiência focado na área de ensino de História. A disciplina que serviu de base para o presente relato de experiências é denominada Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, com carga horária de 60 horas, ministrada ao sexto período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó. Admitimos o Relato de Experiência como meio de divulgação científica, em especial na área das ciências humanas. O material selecionado para análise consiste nas aulas e avaliações realizadas no decurso da disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, em curso superior de graduação em Pedagogia. Os discentes deveriam elaborar planos de ensino sobre temas relacionados com o ensino de História. Cada plano deveria versar sobre tema atinente à área de História, com escopo definido em termos de abrangência, do nacional para o local: o primeiro plano deveria tratar de tema de História do Brasil, o segundo deveria focalizar a História do Maranhão e, por fim, o terceiro deveria realçar temas ligados à História do lugar, no caso, a cidade de Codó e região.

Palavras-chave: Relato de experiência. Ensino de história. Plano de aula.

REPORT OF TEACHING EXPERIENCE IN THE DISCIPLINE OF FUNDAMENTALS AND METHODOLOGY OF HISTORY TEACHING

ABSTRACT

This article consists of an experience report focused on the teaching of History. The discipline that served as the basis for this experience report is called Fundamentals and Methodology of Teaching History, with a workload of 60 hours, taught in the sixth period of the Pedagogy course at the Federal University of Maranhão, Campus Codó. We accept the Experience Report as a means of scientific dissemination, especially in the area of human sciences. The material selected for analysis consists of classes and assessments carried out during the course of Fundamentals and Methodology of Teaching History, in a higher education course in Pedagogy. Students should develop teaching plans on topics related to the teaching of History. Each plan should deal with a topic related to the area of History, with a scope defined in terms of scope, from national to local: the first plan should deal with the topic of Brazilian History, the second should focus on the History of Maranhão and, finally, the third should highlight themes related to the history of the place, in this case, the city of Codó and region.

Keywords: Experience report. History teaching. Class plan.

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (1998 - 2001). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2002 - 2004). Mestre em Desenvolvimento e Planejamento Territorial - Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2014-2016). Mestre em História pela Universidade Federal do Amapá (2021-2023). Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (2017-2022). Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão, Campus VII – Codó. E-mail: samuel.correa@ufma.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em relato de experiência focado na área de ensino de História. A disciplina que serviu de base para o presente relato de experiências é denominada Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, com carga horária de 60 horas, ministrada ao sexto período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó, no segundo semestre letivo de 2022. A seguir descrevemos o método utilizado e o material de análise construído.

Daltro e Faria (2019) destacam a importância do Relato de Experiência como meio de divulgação científica, em especial na área das ciências humanas. Convém registrar a importância dessa abordagem no reconhecimento da subjetividade inerente ao processo de produção do conhecimento. As generalizações em ciências humanas não são resultantes de uma descrição da realidade exterior, mas sim de uma narrativa sobre processos imanentes que perpassam os sujeitos. O Relato de Experiência permite elaborar um discurso sobre processos que se situam na interface entre o coletivo e o singular, bem como pressupõe um trabalho de produção de uma narrativa baseada na memória, o qual permite situar o sujeito e suas práticas no mundo. A experiência é o objeto central de análise do relato em questão, pois é da combinação entre pensar e sentir que emerge o conhecimento. O Relato de Experiência combina as percepções sobre ações práticas com o background teórico de quem o produz, resultando num produto científico aberto que se comunica com outras vivências similares.

De acordo com Mussi et al (2021) o relato de experiência, para fins científicos, deve sua importância a algumas características. Primeiro porque permite o registro sistemático de experiências vivenciadas. Segundo porque viabiliza a articulação com os saberes científicos e a produção de uma reflexão crítica acerca da realidade. O relato de experiência é um tipo de comunicação que remete a uma vivência acadêmica e/ou profissional a partir de um ou mais elementos que formam o tripé universitário - ensino, pesquisa e extensão – e que tem como característica marcante a descrição de uma intervenção na realidade – que pode ser de cariz pedagógica ou de iniciação à ciência.

Casarin e Porto (2021) entendem que um Relato de Experiência tem especificidades que o diferem de outras formas de comunicação científica. O primeiro diferencial é que em geral não derivam de uma pesquisa *stricto sensu*, mas de uma experiência individual ou partilhada. Há de se descrever com atenção os pressupostos que levaram à realização de determinada prática, os meios empregados e os resultados esperados. A devida caracterização da experiência

é essencial para que outros sujeitos possam replicá-las na íntegra ou adaptada a outras realidades e contextos. A descrição deve contemplar itens como a temporalidade, localidade, forma de realização e sujeitos envolvidos.

O material selecionado para análise consiste nas aulas e avaliações realizadas no decurso da disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, em curso superior de graduação em Pedagogia. Foi solicitado aos alunos a produção de três planos de aula, de acordo com roteiro previamente acordado. Esse roteiro de plano de aula utilizado pelos discentes estava vinculado à disciplina de História, prevendo uma aula de cinquenta minutos. Nesse roteiro, os discentes deveriam descrever o objetivo da aula em relação ao conteúdo expresso no Plano de Ensino e à aprendizagem dos alunos; delimitar detalhadamente qual o conteúdo/assunto a ser tratado e suas relações com outros conteúdos; identificar o conteúdo programático distinguindo três momentos: 1º problematização inicial; 2º organização do conhecimento; 3º aplicação do conhecimento. Por fim, deveriam apresentar a bibliografia/material de referência a ser utilizado.

Cada plano deveria versar sobre tema atinente à área de História, com escopo definido em termos de abrangência, do nacional para o local: o primeiro plano deveria tratar de tema de História do Brasil, o segundo deveria focalizar a História do Maranhão e, por fim, o terceiro deveria realçar temas ligados à História do lugar, no caso, a cidade de Codó e região. Convém observar que a turma contava com 32 alunos matriculados e a atividade poderia ser realizada individualmente ou em dupla. Ao final do semestre, 30 alunos foram aprovados, enquanto 02 alunos foram reprovados por frequência. Abaixo temos a descrição da programação de avaliações com seu detalhamento.

Tabela 1. Programação de avaliações

| Avaliação | Tema | Data | Entrega |
|-------------------------------------------------------------|---------------------------|------------|-----------|
| 1ª avaliação via Sigaa - produção de plano de aula completo | História do Brasileiro | 28/05/2022 | 17 planos |
| 2ª avaliação via Sigaa - produção de plano de aula completo | História do Maranhão | 02/07/2022 | 15 planos |
| 3ª avaliação via Sigaa - produção de plano de aula completo | História de Codó e região | 30/07/2022 | 15 planos |

Fonte: Elaborada pelo autor, 2023.

A seguir passamos para a descrição do desenvolvimento do curso aula a aula. O intuito é demonstrar o desenvolvimento de uma disciplina na área de História de forma prática, permitindo discutir as estratégias e percursos utilizados.

DESENVOLVIMENTO

A aula inicial do curso ocorreu em 29 de abril de 2022, com o tema “O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica”. A partir do texto base, Mathias (2011) destaca a sala de aula como espaço de tomada de consciência histórico-social. O currículo escolar consiste na expressão das correlações de força político-ideológicas que determinam a relação entre poder e saber. O livro didático é produto da política educacional em confluência com os interesses do mercado, servindo como meio de registro das ideias dominantes para difusão na comunidade escolar. Subsiste aqui o risco de haver uma distância entre a história ensinada e a história vivida. Repensar esse contexto implica colocar em perspectiva a prática de ensino, a abordagem historiográfica e sua articulação com o contexto social. No contexto da emergência dos Estados Nacionais, o ensino escolar de história no Brasil partiu de modelo cívico, baseado na história nacional oficial, no qual se destacou o papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. Notável a influência da escola metódica no registro factual das efemérides de ordem política para a construção de uma história nacional. Com a ascensão de Getúlio Vargas e a reforma educacional do ministro Francisco Campos a história oficial e seu ensino escolar ganha abrangência nacional na difusão de valores nacionalistas – bandeirantes seriam içados à condição de heróis nacionais. O regime militar instaurado em 1964 aprofundou o controle estatal sobre o ensino de história com o objetivo de legitimar o regime de exceção vigente, que seria distensionado apenas com a redemocratização na década de 1980, quando enfim o ensino escolar de história se abriu para o debate democrático e plural.

A segunda aula do curso ocorreu em 13 de maio com o tema “Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções, muitos caminhos”. No texto base, Lima (2014) enfoca a relação entre consciência histórica e ensino de história. No contexto da crise do regime militar e da redemocratização emergiram novas propostas para tratar o ensino de história nas escolas brasileiras. Havia a intenção manifesta de superar a história oficial produzida e difundida pelo regime militar como artefato ideológico. Os elementos centrais para compreender o ensino de história consistiriam na cultura, consciência e educação histórica. O discurso historiográfico narra modos de perceber o passado. A cultura histórica ganha relevância na medida em que extrapola a narrativa das relações de poder para recepcionar como eventos históricos também as expressões culturais. Importa também considerar a consciência que uma comunidade detém sobre suas narrativas. A consciência histórica é um pressuposto para a tomada de posição

política e a superação da alienação, de modo que o homem se perceba como produto e produtor da história. No campo educacional, o ensino de história ganha destaque no contexto da racionalização do mundo ocidental em fins do século XIX. Para isso, importa desenvolver a orientação e a experiência temporal para fins de interpretação histórica.

A terceira aula do curso ocorreu em 20 de maio tendo como tema “Nação, o ensino de História no Brasil e a pedagogia do cidadão”. A exposição utilizou como base em texto de Pinsky (2001) para quem o fazer história do Brasil implica desconstruir as narrativas circulantes à luz das evidências historiográficas, p. exe. as descrições etnocêntricas elaboradas pelos viajantes europeus sobre a cultura e organização dos povos originários. O processo de formação nacional do Brasil foi longo e dependente das forças econômicas derivadas do processo colonial. A invasão holandesa à colônia portuguesa nos trópicos desencadeou uma narrativa envolta numa suposta identidade nacional que abarcaria negros, índios e brancos irmanados na luta contra o invasor. Os inflamados sermões de Antônio Vieira consagraram essa narrativa que, tempos depois, daria origem ao mito das três raças. No campo do relato histórico, a obra de Varnhagen teria originado uma percepção de brasilidade que daria vazão ao projeto nacional nos séculos seguintes. É tarefa do historiador desconstruir as narrativas integracionistas que omitem o extermínio indígena e a escravidão/segregação negra. A educação precisa colocar em questão o status quo dos personagens que integram as narrativas da formação nacional.

Como texto complementar, utilizamos Nadai (2001), o qual registra que a disciplina escolar denominada História emergiu na Europa em fins do século XIX, resultante do processo de laicização do conhecimento e do ensino. Assim a genealogia cristã com seus santos foi gradativamente substituída pela genealogia do Estado com seus heróis. A historiografia da educação no Brasil implica a análise de programas, currículos, didáticas e recursos materiais aplicados à educação – esses fatores destacam os agentes sociais que elaboram as políticas e práticas educacionais. No processo de construção nacional a perspectiva educacional adotada se pautou pela homogeneização dos elementos constitutivos da sociedade brasileira. Esse processo obliterou a diversidade cultural e as diferenças socioeconômicas. Isso impactou o processo educacional por não considerar as desigualdades das condições sociais dos alunos e a hegemonia do discurso oficial sobre o registro oral da memória coletiva de grupos subalternizados.

A quarta aula do curso ocorreu em 27 de maio tendo como tema “As tradições nacionais e o ritual das festas cívicas”. Bittencourt (2001) trata das tradições nacionais e os rituais de festas cívicas. No processo de formação do Brasil, a presença da história como disciplina

escolar apontava para a legitimação da construção nacional a partir da perspectiva da elite. Nesse contexto, o professor de História atuava na propagação de uma memória coletiva calcada no discurso oficial. O programa educacional para a área de História se articulava com um projeto nacional e a difusão de um destino manifesto. As datas comemorativas e os heróis nacionais apontavam para essa formação das almas em torno de uma identidade coletiva – bandeiras, hinos e ritos cívicos na escola evidenciam essa dinâmica. A intenção da prática escolar era transformar uma população formada por mestiços, imigrantes e operários em povo – com a ascensão da República, a escola deveria socializar os eleitores nos direitos políticos e os operários nos direitos sociais.

A quinta aula consistiu na 1ª avaliação, que consistiu na produção de plano de aula completo – História do Brasil, a ser submetido via Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa), no portal acadêmico da universidade. A seguir temos o quadro descritivo dos trabalhos apresentados, com a série escola a que se destina, as habilidades a serem desenvolvidas e o conteúdo previsto na área de História.

Tabela 2. 1ª avaliação – História do Brasil

| Série | Habilidade | Conteúdo |
|--------|----------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| 1º ano | EF01HI08 | O contexto histórico do carnaval no Brasil e a sua manifestação cultural |
| 3º ano | EI03TS02 EI03EO03 | A chegada dos portugueses às terras que hoje formam o Brasil |
| 3º ano | EI03EO06 EI03TS02 | A cultura indígena no Brasil |
| 4º ano | EF04HI09 | Os imigrantes e suas influências na cultura brasileira |
| 4º ano | EF04HI09 EF04HI10 | A formação do Brasil: chegada dos portugueses |
| 4º ano | EF04HI09 | A chegada dos portugueses ao Brasil |
| 4º ano | EF04HI09 | A história do descobrimento/invasão do Brasil |
| 4º ano | EF04HI10 EF04HI11 | Imigração no Brasil no século XIX |
| 4º ano | EF04HI09 | O Brasil africano |
| 5º ano | EF05HI01 EF05HI09 | As grandes navegações, a chegada dos portugueses ao Brasil |
| 5º ano | EF05HI01 | Povos pré-históricos no Brasil: sambaquis |
| 5º ano | EF05HI01 EF05HI03 | Cultura e tradição dos povos indígenas |
| 5º ano | EF05HI01 EF05HI08 | Os povos indígenas e a formação da região nordeste |
| 5º ano | EF05HI01 | História do descobrimento do Brasil |

| | | |
|--------|----------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 7º ano | EF07HI09 | O Descobrimento do Brasil/ Chegada dos portugueses ao Brasil |
| 9º ano | EF09HI06 | O período varguista e suas contradições |
| 9º ano | EF09HI19 | Ditadura militar: o que é uma ditadura, como foi a ditadura no Brasil, quais foram as consequências, e como isso reflete nos dias atuais |

Fonte: Elaborada pelo autor, com base em BNCC (2017).

A sexta aula foi substituída pela assistência ao “Ciclo de Debates Inclusivos: A relevância das atitudes sociais favoráveis à inclusão de discentes com deficiência na Educação Superior”, ocorrido em 30 de maio, promovido pela Universidade Federal do Maranhão.

A sétima aula, tratou das “Perspectivas teórico-metodológicas aplicadas ao ensino da História e suas implicações no processo educativo”, tendo ocorrido em 03 de junho. O texto base, de autoria de Carneiro (2017) aponta para a ciclotimia da história do ensino no Brasil. Da educação jesuítica baseada na disciplina e dogmas católicos, para a educação imperial que buscava emular os liceus franceses, passando pelo coletivismo defendido pela República Velha e o autoritarismo disseminado pelo Regime Militar, até chegar à redemocratização e sua agenda por uma educação livre, o percurso não foi linear. De igual modo, podemos identificar uma circulação de teorias da aprendizagem no contexto brasileiro, desde a escolástica propagada pela Igreja Católica, as lições de coisas derivadas da revolução industrial, do behaviorismo modernista até a pedagogia histórico-crítica. Dentre os conceitos indispensáveis para o ensino de História, podemos destacar as fontes e o documento histórico. No campo dos valores e atitudes, convém ressaltar o senso crítico, a postura reflexiva e a capacidade de observar o que se passou.

A oitava aula foi substituída pela assistência ao “I Ciclo de debates sobre Gênero, Sexualidade e Direitos”, ocorrido em 08 de junho, promovido pelo próprio Curso de Pedagogia UFMA/Codó.

A nona aula versou sobre o tema “Ensino de História e passado prático: notas sobre a BNCC”, ocorrendo em 10 de junho. No texto base utilizado, Pereira (2017) analisa o ensino de história no escopo da Base Nacional Curricular Comum. Questiona-se a necessidade de uma base curricular nacional e como essa se articula com o campo da história ensinada. A questão que se impõe é a tarefa permanente de se repensar o fazer pesquisa historiográfica e o ensinar história. A profusão de revisionismos descolados de lastro historiográfico, as guerras de narrativas e os usos políticos do passado ensejam critérios bem definidos para orientar o debate sobre a História. A BNCC passou pela composição de três versões distintas. A primeira versão foi elaborada por uma comissão de doze notáveis, formada por pesquisadores e professores da

área de História, que a seguir foi disponibilizada pelo MEC em formato online para contribuições. - visava a superação do modelo factualista, a promoção de uma descolonização do currículo e a valorização das lutas sociais; a segunda versão representou um retrocesso, na medida em que retomou a abordagem por lista de conteúdos; recolocou o discurso dominante europeizante e despoliticizou a seleção dos conteúdos e dos objetivos de aprendizagem; a terceira versão mantém as listas de conteúdos, mas recobra o debate sobre a construção da temporalidade e das narrativas sobre o passado; falha em não acolher questões como gênero e orientação sexual, negritude e modos de vida indígenas.

A décima aula, ocorrida em 24 de junho, prosseguiu a discussão em sala sobre a história no currículo da Educação Básica, a partir da exposição de Carneiro (2017). Aqui o currículo é entendido como um recorte na teia de conhecimentos produzidos no processo de evolução dos saberes e que são passíveis de apreensão pelos estudantes conforme seu desenvolvimento cognitivo. A formação de um currículo é um processo multifacetado do qual participam diferentes atores sociais expressando convergências e divergências que se resolvem pelo consenso ou pela correlação de forças. No que concerne ao ensino de história, o currículo explicita a imagem de sociedade que se deseja projetar para as novas gerações. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 deixaram marcas no campo do ensino de história, pois trouxeram à baila uma abordagem interdisciplinar buscando conectar história com as outras ciências humanas e artes; implantou os temas transversais para inserir no processo formativo temas diversos como sexualidade e meio ambiente; criou ciclos de aprendizagem para ordenar o processo escolar. Esperava-se desenvolver na criança o hábito de questionar, o interesse pela investigação, o contato com a memória coletiva e a interpretação dos eventos. Adotando uma lógica indutiva, no Ensino Fundamental, se partiria da história local e do cotidiano no primeiro ciclo (aspecto comunitário) para então se chegar aos grandes grupos populacionais no segundo ciclo (aspecto societário); no terceiro ciclo se abordariam as relações sociais, culturais e laborais como elementos constitutivos da história e, no quarto ciclo, a ser desenvolvido nos anos finais, se daria evidência às representações sociais e relações de poder, com destaque para as dinâmicas da política internacional e da globalização; por fim, no Ensino Médio, as relações entre homem e tecnologias, bem como as singularidades culturais, ganhariam destaque, visando uma compreensão contemporânea e inclusiva do mundo.

A décima primeira aula, realizada em 01 de julho, tratou da “Elaboração e regulamentação dos livros didáticos para o ensino de História”, novamente com base em Carneiro (2017), que entende o livro didático como portador de diversas funcionalidades no

cotidiano escolar, podendo ser empregado para estudos individuais, leituras de fixação em sala ou realização de atividades; como subsídio para aulas expositivas e organização dos conteúdos a serem trabalhados no período letivo. O livro didático estrutura o trabalho docente na medida em que organiza o fluxo de ensino e delimita temas a serem abordados. Isso coloca em questão os documentos norteadores da escola, em especial o Projeto Político Pedagógico, uma vez que podem existir desacordos entre este e a proposta curricular inserida no livro didático. Desde a gestão de d. Pedro II há registros da produção e uso de manuais didáticos, graças à imprensa introduzida no país por d. João VI; e gradativamente iria se criar um mercado editorial para produção de material escolar. Com a independência em 1822, houve a criação do Instituto Geográfico Histórico Nacional, que determinaria os caminhos da pesquisa e ensino de História no território nacional. Em geral um livro didático deve ter uma exposição sistemática do conhecimento disciplinar, uma linguagem ao mesmo tempo técnica e acessível, um layout visual atraente. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) remonta a 1929, quando foram criadas políticas públicas de fomento à produção de livros para fins escolares. A crítica é que o livro didático é produzido na interface entre Estado e mercado, e com frequência reproduz a perspectiva da classe dominante dos centros capitalistas, desconsiderando, a um só tempo, as classes subalternas e as regiões periféricas.

Como texto de apoio, recorreremos a Carneiro (2017), em capítulo que repercute sobre a possibilidade do uso de novas mídias como material didático aplicado ao ensino de História. Partindo da constatação de que crianças e adolescentes têm contato contínuo com aparelhos celulares, televisores e computadores, acessando conteúdos midiáticos variados, se faz necessário refletir sobre o impacto desses meios na percepção da realidade. Há um descompasso entre as novas mídias e a sala de aula, pois as primeiras são atrativas, coloridas, cheias de movimento e entretenimento; enquanto a segunda tende a ser monótona, oralizada e/ou manuscrita, desconectada do mundo da vida do educando. O texto nos convida a refletir sobre o ensino de História nesse contexto, afirmando que a tecnologia deve ser mobilizada em favor da aprendizagem dos conteúdos de História, em consonância com o modo de vida dos educandos.

A décima segunda aula consistiu na 2ª avaliação, que previa a produção de plano de aula completo – História do Maranhão, a ser submetido via Sigaa, no portal acadêmico da universidade. A seguir temos o quadro descritivo dos trabalhos apresentados, com a série escola a que se destina, as habilidades a serem desenvolvidas de acordo com a BNCC e o conteúdo previsto na área de História.

Tabela 3. 2ª avaliação – História do Maranhão

| Série | Habilidade | Conteúdo |
|--------|----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|
| 3º ano | EF03HI03 EF03HI05 | Tambor de Crioula no Maranhão |
| 3º ano | EI03EF01 EI03CG02 EI03TS02 | História do Bumba-meu-boi no Maranhão |
| 4º ano | EF04HI01 EF04HI04 | Maranhão: capital, mapa, bandeira, cultura |
| 4º ano | EF04HI01 EF04HI04 | Maranhão: sua origem e os primeiros povos |
| 5º ano | EF05HI01 | História do principal rio que banha o Estado do Maranhão: Rio Itapecuru |
| 5º ano | EF05HI10 EF05HI03 | A dança portuguesa no Maranhão |
| 5º ano | EF05HI01 | O Bumba-meu-boi no folclore Brasileiro |
| 5º ano | EF05HI01 EF05HI10 | A história dos povos indígenas no maranhão |
| 5º ano | EF05HI01 | A história do Bumba-meu-boi – cultura e religião |
| 5º ano | EF05HI08 | História da formação dos povos quilombolas no Maranhão |
| 8º ano | EF08HI16 | A Balaiada: revolta popular no Maranhão |
| 8º ano | EF08HI16 | A história da revolta da Balaiada |
| 8º ano | EF08HI16 | A revolta da Balaiada no Maranhão – 1838 a 1841 |
| 8º ano | EF08HI16 | Revolta da Balaiada, período de duração e motivações |
| 9º ano | EF09HI21 | As comunidades quilombolas no maranhão |

Fonte: Elaborada pelo autor, com base em BNCC (2017).

A décima terceira aula foi substituída pela assistência a uma conferência com a Profa. Helena Freitas, da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais de Educação - ANFOPE, com o tema "Impactos da BNC Formação para a Pedagogia e demais licenciaturas", ocorrido em 07 de julho, promovido pelo próprio Curso de Pedagogia UFMA/Codó.

A décima quarta aula tratou do tema “Geração Homo zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica”, tendo ocorrida em 08 de julho, utilizando como base texto de Caimi (2014) que discute a relação entre memória e os novos suportes tecnológicos para registro e troca de informações. Das regras mnemônicas da antiguidade, passando pela difusão da escrita e a invenção da imprensa, assistimos uma expansão da capacidade humana em lembrar dos eventos pretéritos por meio de registros inteligíveis. Um ponto de inflexão consiste na transformação da aprendizagem baseada numa cultura impressa

organizada de forma unilateral para uma miríade de difusores de informações na sociedade hiperconectada. O uso intensivo de recursos tecnológicos no dia a dia, como telefone celular e tablet, bem como a interação via redes sociais, alterou a velocidade e formato da circulação de ideias e informações. Num primeiro momento, isso levou a uma desconexão entre escola e estilo de vida dos educandos, o que exige uma readequação do paradigma escolar tendo em vista a mudança do perfil do seu público, cuja atenção é mais fluída, transitória e voltada para meios multimídia. O desafio posto para professores nesse contexto é auxiliar os educandos a aprender de forma crítica a partir do meio circulante de informações em rede. Isso ganha especial relevo no ensino de História, de modo que é preciso superar o modelo baseado em memorização rumo a um modelo crítico-reflexivo, na qual o aprendizado colaborativo e o contato com a realidade envolvente se tornam parte inerente do processo pedagógico.

A décima quinta aula, ocorrida em 15 de julho, teve como tema “Aprender história com jogos digitais em rede: possibilidades e desafios para os professores”, com base em texto de Arruda (2014), que apresenta a possibilidade de uso de jogos digitais para suporte ao ensino de História. A realidade virtual dos jogos permite ao mesmo tempo, disseminar informações sobre histórica e especular sobre rumos alternativos para os eventos registrados factualmente. Na sociedade do entretenimento, a escola disputa a atenção dos estudantes com a cultura de mídia e diferentes formas de lazer, o que obriga a escola a se reinventar. No caso dos jogos digitais que utilizam contextos e narrativas históricas, deve-se atentar ao aspecto lúdico, interatividade e veiculação para consumo – se trata de um produto. Para fins pedagógicos, importa ressaltar que o meio técnico informacional altera a relação do sujeito com a documentação histórica, que pode surgir descolada do contexto em que veio à luz, apagando sua historicidade. Nesse sentido, jogos digitais com contexto histórico podem ser utilizados em sala de aula, desde que sejam interpretados de forma crítica, à luz do saber historiográfico.

A décima sexta aula, realizada em 22 de julho, repercutiu o tema “Algumas estratégias para o ensino de história e cultura afro-brasileira, usando como referência texto de Alberti (2013), o qual registra que o ensino de história da África e dos afro-brasileiros tornou-se obrigatório por meio da lei 10.639/03, constituindo-se em importante meio de combate do racismo a partir do processo educacional. O racismo é o mecanismo através do qual a herança da escravidão se perpetua na sociedade de classes. Por um lado, somos um povo miscigenado pela presença multirracial no processo de formação nacional; por outro lado, somos um povo marcado por clivagens raciais que se expressam meio da desigualdade social. O ponto chave na perspectiva educacional é reconhecer que as identidades raciais se formaram no processo

histórico, de modo que revisitar o passado é parte necessária para a desconstrução do racismo. A escravidão se constituiu parte essencial de um sistema econômico que jamais foi superado em sua completude. Ao tratar do tema racial, o ensino de história deve considerar a diversidade como contraponto à homogeneização que omite os conflitos sociais; tratar a questão a partir de uma abordagem interdisciplinar e transversal no currículo escolar. Dentre as estratégias pedagógicas, destacam-se a exposição da escravidão no seu contexto histórico e a desnaturalização da relação entre trabalho escravo e negritude; a descrição da diáspora africana que deu origem à cultura afro-brasileira; o contato com comunidades remanescentes de quilombo.

Por fim, a décima oitava aula consistiu na 3ª avaliação, que previa a produção de plano de aula completo – História de Codó e região, a ser submetido via Sigaa, no portal acadêmico da universidade. A seguir temos o quadro descritivo dos trabalhos apresentados, com a série escola a que se destina, as habilidades a serem desenvolvidas e o conteúdo previsto na área de História.

Tabela 4. 3ª avaliação – História de Codó e região

| Série | BNCC | Conteúdo |
|--------|----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| 1º ano | EF01HI01 EF01HI02 EF01HI03 | Os vínculos pessoais e as relações de amizade estabelecida na família e na comunidade |
| 3º ano | EF03HI04 EF03HI03 | História e atuação da ONG Instituto Maná de Codó |
| 3º ano | EF03HI05 EF03HI06 | Nome e símbolos presentes na bandeira do município de Codó |
| 3º ano | EF03HI05 | A Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão em Codó |
| 3º ano | EF03HI05 EF03HI06 | Origem da Bandeira e Hino Codoense |
| 5º ano | EF05HI05 EF05HI07 EF05HI10 | Companhia manufatureira e agrícola de Codó: passado e presente |
| 5º ano | EF05HI05 EF05HI07 EF05HI10 | A História da Fábrica de Tecidos – a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão |
| 5º ano | EF05HI01 EF05HI07 | A formação étnica de Codó – brancos, negros e indígenas |
| 5º ano | EF03HI05 | A história da companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão em Codó |
| 5º ano | EF03HI05 | A Fábrica ou Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão (COMAM) |
| 5º ano | EF05HI01 | As quebradeiras de coco babaçu de Codó |

| | | |
|--------|----------------------|-------------------------------------------|
| 5º ano | EF03HI06 | A origem do nome Codó |
| 5º ano | EF05HI08 | História da formação do município de Codó |
| 7º ano | EF07HI12 | A história de Codó e sua origem |
| 8º ano | EF08HI15 EF08HI16 | Codó: formação do espaço e território |

Fonte: Elaborada pelo autor, com base em BNCC (2017).

Após a exposição da proposta pedagógica elaborada para a disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, ministrada ao sexto período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó, passaremos às nossas observações finais sobre o processo de ensino-aprendizagem buscando identificar elementos para uma reflexão crítica.

Conclusões

A partir da descrição da disciplina desenvolvida e as respectivas avaliações, esperamos ter demonstrado um percurso formativo que pretendeu promover junto aos alunos a tomada de consciência de sua própria historicidade. Do nacional ao local, por meio das avaliações propostas, pudemos observar a percepção dos alunos sobre quais temas são relevantes ou se destacam no campo historiográfico para fins escolares. O primeiro plano de ensino deveria tratar de tema de História do Brasil. Nele percebemos a presença lusitana e o processo colonial, a imigração como parte constitutiva de nosso povo; a cultura indígena como ponto de partida e a cultura africana como ponto de inflexão para a formação nacional, cuja expressão pode ser captada em manifestações como o carnaval. Registramos também o interesse pela história política nacional, em especial o período de Vargas e a Ditadura Militar.

O segundo plano de ensino versou sobre a história do Maranhão. Nele destacamos a presença da Balaiada como evento histórico-político de forte cariz identitária para o conjunto de estudantes participantes da atividade proposta. Elementos culturais reconhecidos como o Bumba-meu-boi e eu Tambor de Crioula também foram tratados. Registrou-se a preocupação em abordar as origens do Maranhão, seu povo e seus símbolos, bem como as comunidades quilombolas presentes no Estado, o qual detém importante presença afro-brasileira.

Por fim, terceiro plano de ensino teve como objeto a história regional e local tendo a cidade de Codó como referência. O tema dominante apontado pelos discentes foi a antiga fábrica de tecidos – a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão – símbolo da crença coletiva no progresso da cidade rumo a se tornar um grande centro urbano a partir da

industrialização. Também registramos temas como as origens da cidade, sua formação étnica e socioespacial.

Consideramos que os objetivos da disciplina foram alcançados, na medida em que os temas tratados nos três blocos de aulas ao longo do semestre dialogaram com a realidade do ensino de História no contexto atual, trazendo perspectivas metodológicas e propostas didáticas, bem como estabeleceu o contato com a História nacional, estadual e regional/local por meio da proposição de planos de aula, através dos quais os discentes puderam refletir sobre temas de ensino de História com vistas à conscientização de sua própria formação sócio-histórica.

Referências

ALBERTI, V. Algumas estratégias para o ensino de história e cultura afro-brasileira. *In: ARAÚJO, A. P.; MONTEIRO, A. M. (Org.). Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

ARRUDA, E. P. Aprender história com jogos digitais em rede: possibilidades e desafios para os professores. *In: MAGALHÃES, M. et al. (Org.). Ensino de história: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

BITTENCOURT, C. F. As tradições nacionais e o ritual das festas cívicas. *In: PINSKY, J. O ensino de história e a criação do fato* (Org.). São Paulo, SP: Contexto, 2001.

CAIMI, F. E. Geração Homo zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. *In: MAGALHÃES, M. et al. (Org.). Ensino de história: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

CARNEIRO, M. **Metodologia do ensino de história**. 1. ed. - Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2017.
CASARIN, S. T.; PORTO, A. R. Relato de Experiência e Estudo de Caso: algumas considerações. **J. nurs. health**. 2021;11(2):e2111221998.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 19 n. 1 p. 223-237, jan./abr., 2019.

LIMA, M. Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções, muitos caminhos. *In: MAGALHÃES, M. et al. (Org.). Ensino de história: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

MATHIAS, C. L. K. O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica. **História Unisinos**. 15(1):40-49, jan./abr. 2011.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

PEREIRA, N. M.; RODRIGUES, C. de M. Ensino de História e passado prático: notas sobre a BNCC. In: RIBEIRO JÚNIOR, C. H.; VALÉRIO, M. E. **Ensino de História e Currículo: Reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular. Formação de Professores e Prática de Ensino I** organização. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

PINSKY, J. Nação e o ensino de História no Brasil. In: PINSKY, J. **O ensino de história e a criação do fato** (Org.). São Paulo: Contexto, 2001.

Recebido em: 22/11/2023

Aceito em: 14/05/2024